

---

- SEMIÓTICA I

Coordenador(a): *Álvaro Antônio Caretta*

---

### **A ARBITRARIEDADE DA FORMA**

*Márcio Thamos (UNESP)*

Procura-se aqui ponderar qual a real validade dos argumentos com que Roman Jakobson pretende provar a motivação da linguagem quando se opõe diretamente ao princípio fundamental da teoria de Ferdinand de Saussure, isto é, ao conceito da arbitrariedade do signo lingüístico. A partir de uma leitura crítica, pode-se notar que, quando se levanta a questão da motivação da linguagem, a fim de contrapô-la ao princípio da arbitrariedade do signo, uma grande confusão conceitual tem-se estabelecido com freqüência: acaba-se imputando à língua uma propriedade relacionada a possibilidades imitativas que dizem respeito tão-somente à fala.

## **DIÁLOGO ENTRE DIRCEU E RUBENS**

*Márcia Camargo Ito (MACKENZIE)*

Este trabalho pretende fazer uma leitura intersemiótica entre a literatura e a pintura, ou seja, estabelecer um diálogo entre um texto verbal (poema) e um texto não-verbal (quadro). A análise será feita a partir de um recorte da obra *Marília de Dirceu*, do autor Tomás Antônio Gonzaga, para focalizar especificamente a intertextualidade entre a *Lira VII* (1ª parte) e a obra "O Julgamento de Páris", do pintor Rubens. É importante especificar que a obra escolhida para análise foi pintada entre 1638 e 1639, pois o mesmo pintor tem uma outra obra sobre o mesmo tema e com o mesmo título, feita entre 1632 e 1635.

Embora a análise seja feita entre linguagens diferentes, é possível identificar traços de semelhança entre a *lira* de Dirceu e o quadro de Rubens. As *liras* de Dirceu pertencem ao estilo clássico, que por sua vez valoriza a simplicidade, a clareza, o equilíbrio e a harmonia. Já Rubens é um pintor barroco que segue a tendência clássica sob a influência do Renascimento, aumentando a luminosidade das cores e diminuindo o contraste claro-escuro. A expressividade de sua paleta muda a história da pintura pois, para ele, a cor é o elemento para a pintura ser uma cópia fiel da natureza, ou seja, Rubens retoma a teoria aristotélica da arte, chamada *mimesis*, princípio também trabalhado pelo poeta *árcade*, que nada mais é que um pintor de situações.

## **O REGISTRO DE UM OLHAR**

*Vaneide Damasceno Cunha Arantes*

Uma grande parte de nossa aprendizagem adquirida está relacionada às imagens. Ao gravarmos momentos usando *flash*, novas idéias nascem, signos crescem e, no processo denominado *semiose*, o que era virtual torna-se real; a *semiose* revela o signo, o objeto fustiga-nos o interpretante. Cada coisa nesse momento ganha a sua assinatura, porque em cada foto pode existir a interferência de quem a produziu. Em todos os tempos, grupos humanos recorrem a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação através de vários rituais e de linguagem, tudo para poderem viver em sociedade com harmonia. Mas o que fazer quando alguém registra um erro dessa sociedade?

## **O SINCRETISMO ENTRE AS ILUSTRAÇÕES DE CHAGALL E AS FÁBULAS DE LA FONTAINE**

*Álvaro Antônio Caretta (UNIBERO)*

Roland Barthes, em *A Retórica da Imagem*, ao discutir as relações sincréticas entre o lingüístico e o visual, diz que, não obstante a tradição da ilustração como complemento do texto lingüístico, essa relação sincrética ainda era pouco estudada de "um ponto de vista estrutural". Essa afirmação do semiólogo francês, exemplificada pelas diversas ilustrações realizadas para as clássicas fábulas de *La Fontaine*, pode se justificar pelo estágio teórico incipiente em que os modelos estruturalistas para o estudo do sincretismo lingüístico-visual encontravam-se. Porém, sabe-se que hoje os estudos estruturalistas, particularmente os da *Semiótica*, já apresentam modelos auto-suficientes para a análise dos textos sincréticos.

Chagall realizou duas edições de ilustrações para as fábulas de *La Fontaine*. A primeira em aquarelas, a outra em águas-fortes aquareladas a mão. A ilustração que destacamos neste trabalho é uma água-forte para a fábula *A raposa e os perus*.

Para estudarmos o sincretismo entre a ilustração de Chagall e a fábula *A raposa e os perus*, adotaremos a seguinte estratégia: primeiramente realizaremos uma análise semiótica da fábula, enfocando a organização do plano de conteúdo. A seguir, abordaremos a ilustração como um texto semi-simbólico, procurando demonstrar como os planos de conteúdo e de expressão estão

homologados. Com base nos elementos recolhidos nessas análises, recorreremos às propostas de Roland Barthes sobre o sincretismo entre o texto visual e o lingüístico. Esse desenvolvimento teórico nos permitirá perseguir o caminho sugerido por Roland Barthes e compreender "a estrutura significante da ilustração".

## **RE-SIGNIFICANDO AS IMAGENS NA MÍDIA**

*Juliano José de Araújo (UNESP)*

O objetivo deste artigo é discutir as implicações da cultura da imagem no jornalismo contemporâneo. De um lado, essa cultura instaura a crise da visibilidade, ou seja, a crença/fidúcia do homem apenas na visão, em detrimento dos demais sentidos. Por outro, ela gera percepções automatizadas, sem produção de conhecimento, que pode levar o homem a submergir em um verdadeiro caos informacional. Partindo dos conceitos de crença/fidúcia, inseridos no âmbito da cultura da imagem, analisaremos telejornais do horário nobre e também a série de documentários Caminhos e Parcerias, veiculada pela TV Cultura. Entendemos a imagem como um texto sincrético e uma produção cultural, construída graças à capacidade imaginativa do homem, na qual interferem tanto fatores econômico-político-sociais como técnicos. O estudo das imagens dessas mídias, desvelando a hierarquização do sentido de seus enunciados e sua articulação enunciativa, revela-se pertinente, uma vez que pode nos fornecer subsídios para re-significar o papel da imagem nos meios de comunicação, entendendo-a não como mero dado quantitativo, mas como produção de conhecimento.

## **SIGNOS NATURAIS E CULTURAIS: O SIGNIFICADO DAS CORES NO TEMPO E NO ESPAÇO**

*Lauro Henrique de Paiva Teixeira (UNESP)*

Lidamos com passado e futuro o tempo todo, assim como lidamos com cores. Esses elementos, assim como quaisquer outros, não poderiam ficar livres de nossa atribuição de significados. Baseado na semiótica da cultura, a "apreensão, a transmissão e o armazenamento da informação "cor" (como texto cultural) são regidos por códigos culturais que interferem e sofrem interferência dos outros dois tipos de códigos da comunicação humana, os de linguagem e os biofísicos". (GUIMARÃES, Luciano - A cor como informação. 2000). Não há uma linguagem própria e unânime das cores, mas sim o seu uso como informação em determinadas linguagens por determinadas culturas. Cor-informação pode ser entendida, por um aspecto, como o poder que a cor tem de representar um dado fenômeno. Porém, a cor não se restringe a esse fenômeno. O verde não é da esperança assim como o vermelho não é da maçã. A cor-informação no contexto da representação espaço-temporal ganha força à medida que uma cor própria do fenômeno pautado não estiver presente no produto de mídia. Dentre as cores mais usadas pela mídia ocidental para pautar elementos deslocados no tempo, encontramos o amarelo e o azul. Variações desbotadas e sujas do amarelo para o passado, remetendo, em primeira realidade, ao papel ou tecido envelhecido, e do azul intenso para o futuro com suas raízes biofísicas sugerindo a idéia de profundidade, transparência e equilíbrio. As mesmas raízes que contribuirão na formação dos valores utópico-simbólicos que projetamos no futuro. O estudo de cor e sua abordagem midiática, devem se fazer presente também na sala de aula. A relação de cor entre passado e futuro pode estar muito mais entranhada em nossa cultura ocidental do que imaginamos. Basta observarmos que enquanto cristãos aprendemos que viemos do pó (amarelo) e, se formos bonzinhos, um dia poderemos ir para o céu (azul).

## **TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: O CASO SARGENTO GETÚLIO**

*Cynara Andréa Rodrigues Teixeira (UNESP)*

Analiso neste trabalho a adaptação realizada pelo cineasta Hermano Pena inspirado no livro Sargento Getúlio, de João Ubaldo Ribeiro, busco entender não só o sentido do texto literário, mas as estratégias usadas para resolver os problemas de tradução da linguagem literária para a linguagem fílmica. A adaptação literária é uma transposição que pode ser melhor detalhada se a considerarmos uma tradução intersemiótica, o que significa transportar conteúdos de uma semiótica para outra. É através deste processo que um signo (preferi considerar relações de signos, ou seja, significação), caracterizado pela palavra, deve encontrar seu "sinônimo" na linguagem televisual. Diante disso pergunto: De que forma o adaptador realiza a sua tarefa de libertar-se do texto literário? Este trabalho, aponta na obra audiovisual os elementos utilizados para realizar uma adaptação literária, para tanto fiz o caminho inverso ao do adaptador, isto é, o ponto de partida da análise será o audiovisual, neste momento todos os elementos formadores da linguagem audiovisual serão observados isto porque cada um deles comunica por si só e juntos formam blocos de significações que permitem analisar a obra no plano do conteúdo. Adotei a semiótica francesa, preconizada por Algirdas Julien Greimas, pois acredito que a aplicação do percurso gerativo do sentido no texto audiovisual e, em seguida, na obra literária pode indicar o modo como cada texto foi construído. O confronto dos resultados obtidos possibilitará o reconhecimento das semelhanças (conjunções), como também apontará as características diferenciadoras (disjunções) entre os textos. A tradução intersemiótica na verdade é uma segunda obra, sua autonomia total é impossível, pois o texto literário funciona como uma forma-prisão, mas é justamente no produto dessa transmutação que esta minha atenção primordial, interessa-me entender como o "adaptador" criou a sensação de mimese da realidade, sem perder o vínculo com a obra literária.

## **UMA ANÁLISE METASSEMIÓTICA DO FILME MATRIX**

*Luciana Rosa Silva Ribeiro*

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo, uma análise metassemiótica a partir das relações inter, intra e metadiscursiva do filme "A Matrix", a primeira parte iniciada em 1999 de uma trilogia que teve seqüência com os filmes "Matrix Reloaded" e "Matrix Revolution", exibidos em 2003.

Este estudo tem como finalidade indicar pontos coerentes destes universos discursivos, abordando aspectos sociosemióticos e até, de forma despreziosa, aspectos da semântica profunda, já que o filme, como a análise pretende mostrar, além de traduzir enunciadores e enunciatários coletivos, estende sua abrangência aos discursos filosófico/ontológico, político, religioso, científico e literário (apesar deste último não pertencer à sociosemiótica), sem esgotar outras possibilidades, mostrando paralelos importantes no nível dos metadiscursos e metassistemas.

Uma análise semiótica foi construída a partir de uma perspectiva interna da obra, desde o percurso gerativo da enunciação, mostrando suas actâncias e estruturas narrativas até a sintaxe e semântica profunda do discurso. Depois, a partir de uma abordagem inter-discursiva, respectivamente epistemológica, literária e religiosa, foram traçados alguns paralelismos semânticos entre Matrix e o Mito da Caverna de Platão, Matrix e o livro "Alice no País das Maravilhas", Matrix e o Discurso Religioso, destacando elementos cristãos (gnósticos) e budistas em Matrix. Por fim, foram elaborados alguns paralelos entre Matrix, Alice no País das Maravilhas dentro do Discurso Religioso (Cristianismo/Budismo).